



*Com a devida vénia transcrevemos artigo publicado na edição de hoje do Jornal de Negócios on line*

## **Amado "é a pessoa certa para liderar o 'turnaround' do BCP"**

Pedro Santos Guerreiro - psg@negocios.pt / Maria João Gago - mjgago@negocios.pt

**Horta Osório acredita no sucesso do seu sucessor no Totta. Amado deve levar Miguel Bragança consigo.**

"Penso que o Nuno Amado tem enormes qualidades pessoais e profissionais que fazem dele a pessoa certa, em minha opinião, para liderar e efetuar o 'turnaround' do banco com sucesso". As palavras são de António Horta Osório, presidente do britânico Lloyds e que, durante quase uma década, liderou o conselho de administração do Santander Totta que, de seguida, foi presidido por Nuno Amado.

Em declarações escritas ao Negócios, o gestor, que se estreou a trabalhar com o próximo líder do BCP em 1987, mostra-se convicto na capacidade de Nuno Amado em dar a volta ao maior banco privado português. Isto apesar de sublinhar que a instituição "está numa situação muito difícil e enfrenta um contexto macroeconómico particularmente adverso".

Mesmo com estas dificuldades, os acionistas do BCP querem que o banqueiro que até sexta-feira liderava o Santander Totta trabalhe para "reforçar a dimensão internacional" do grupo. "Temos a ambição de criar um banco à escala mundial", afirmou Manuel Vicente, presidente da Sonangol, principal investidor do BCP, ao "Expresso".

Para executar esta missão, mas antes de mais nada levar a cabo o plano de capitalização, ainda concebido pela equipa de Carlos Santos Ferreira, Nuno Amado deverá contar com o apoio de Miguel Bragança, seu braço-direito no Totta. A transferência do administrador financeiro do banco de capital espanhol para o BCP é dada como praticamente certa dentro do próprio Totta, sobretudo depois de Bragança ter sido preterido na escolha do novo líder do Santander português.

Já a possibilidade de o próximo homem-forte do BCP vir a convidar Jorge Tomé, administrador da CGD, para integrar a sua equipa estará em aberto. Como o Negócios noticiou na sexta-feira, Tomé é um dos gestores de banca preferidos dos acionistas, designadamente, da Sonangol. Mas a decisão sobre um eventual convite estará nas mãos de Nuno Amado.

Para já, a prioridade do banqueiro é passar a pasta a António Vieira Monteiro, novo líder do Santander Totta, o que ocorrerá durante os primeiros dias desta semana. De seguida, Amado e os grandes acionistas do BCP, entre os quais a petrolífera angolana e a Teixeira Duarte, terão de tomar decisões sobre quantos membros terá o novo conselho de administração e, entre os seus elementos, qual o número de gestores executivos. Segundo soube o Negócios, no final da semana passada ainda não estava claro se a futura comissão executiva vai ter cinco membros, o que implicará a eliminação de dois lugares executivos, ou se manterá os atuais sete elementos. Quanto à linha de continuidade entre a atual administração e a próxima equipa executiva, deverá ser assegurada por Miguel Maya e Luís Pereira Coutinho, gestores que os acionistas quererão manter. Até ao final da semana será convocada a assembleia geral destinada a alterar o modelo de governo do BCP, com criação de um conselho de administração de onde emana uma comissão executiva, e a nomear os seus membros. A reunião terá lugar no final de Fevereiro, devendo servir ainda para aprovar o plano de capitalização do banco.

### **Amado foi dos primeiros colegas de Horta Osório**

Começaram a trabalhar juntos em meados dos anos 1980, no Citibank, dos primeiros bancos estrangeiros autorizados a operar em Portugal. António Horta Osório estava a começar a sua carreira, enquanto Nuno Amado estreava-se no sector financeiro, após ter passado os primeiros anos a trabalhar na auditoria. Depois da experiência inicial, Amado e Horta Osório seguiram caminhos separados. O futuro líder do BCP foi para o Fonecas & Burnay e depois para o Deutsche Bank, enquanto Horta Osório passou pela Goldman Sachs e fundou o Santander de Negócios, em 1993.

Quatro anos mais tarde, o líder do Lloyds foi buscar Amado para o Santander. Juntos compraram o Totta e o Crédito Predial, voltando a separar-se quando Horta Osório foi presidir ao Abbey, que o Santander comprara.